

A “Geração de 1898”, o “Desastre” e a retomada das relações entre a Espanha e as repúblicas hispano-americanas

REGIANE CRISTINA GOUVEIA*

Nosso objetivo nesta comunicação é analisar, em linhas gerais, o surgimento da geração de 1898 na Espanha, a maneira como a derrota espanhola na guerra de independência cubana foi interpretada por tal geração e a retomada das relações entre os intelectuais espanhóis e latino-americanos. É nosso interesse recuperar algumas discussões que estavam presentes no contexto espanhol e latino-americano de fins do século XIX e início do XX.

1898 é um ano significativo na história da América Hispânica. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra de independência cubana, e a derrota da Espanha, ocorreu o fim do Império Espanhol na América, culminando na perda de Cuba e Porto Rico, ao mesmo tempo em que findava na Ásia, com a perda das Filipinas. Tal fato contribuiu significativamente para o surgimento de um grupo de intelectuais na Espanha que ficou conhecido como a “geração de 1898”. Este grupo se empenhou em analisar a situação de seu país e, a partir disso, propor soluções para os problemas que o afetavam. Nesse período as relações entre intelectuais da Espanha e da América Latina foram restabelecidas, ocasionando um fecundo debate intelectual que se estendeu até meados do século XX.

A Espanha em fins do Oitocentos se encontrava numa situação dramática. Não havia incorporado a modernidade, como outros países europeus que possuíam uma burguesia urbana ilustrada, não contribuíra com o avanço tecnológico, decorrente das revoluções industriais e tampouco possuía projetos políticos fundamentados na democracia e em monarquias constitucionais. Inversamente, se constituía como um país rural, mantendo fortes laços com o catolicismo e o militarismo, com uma economia atrasada e apresentava problemas na educação. Além disso, as lutas internas, sobretudo entre liberais e conservadores colaborava para agravar a crise do país ibérico. Tudo isso indicava a decadência do que um dia fora uma grande potência e evidenciava o

* Mestranda em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

contraste entre a Espanha e seus vizinhos. A guerra hispano-americana contribuiu ainda mais para tornar clara essa decadência.

O pessimismo seria a marca da geração de 1898 que, segundo Maria Helena Capelato, baseada no texto de Luis Lhera *Historiografía y modernismo literário*, afirma que teria tido duas origens distintas: a primeira relacionada à derrota na guerra hispano-americana em 1898; a segunda, ao aparecimento da palavra intelectual, sobretudo na Espanha e na França em fins do século XIX, no momento em que homens de ciência e cultura começaram a intervir no debate público por meio da publicação de manifestos e da imprensa.

Nesse período, a própria forma como os intelectuais na Europa percebiam o seu papel na sociedade passara por uma transformação intensa. Liliana Weinberg de Magis chama a atenção para a relação entre essa transformação e o impacto que a obra *J'accuse* de Émile Zola causou nos intelectuais seus contemporâneos, fazendo emergir a concepção do “intelectual comprometido” (WEINBERG *apud* PAMPLONA, 2003: 8). Dessa forma os intelectuais na Europa passariam já a evidenciar suas opiniões sobre a política, sem, contudo se ocupar diretamente dela.¹

Diante disso, duas alternativas foram apresentadas pela geração de 1898, no intuito de reverter a situação da Espanha: em um primeiro momento, procurou modernizar a Espanha por meio da razão, democracia e progresso econômico; logo depois, buscou afirmar a identidade espanhola, através do resgate da *hispanidad*. Diante da crise na qual a Espanha se encontrava, muitos intelectuais se uniram no anseio de regenerar seu país através da entrada na modernidade (PINEDO, 2001: 104).

Com efeito, essa geração foi marcada pela tensão entre mudar para alcançar a modernidade ou manter a tradição conservando a particularidade espanhola. No início, alguns dos intelectuais ligados a esse grupo assumiram uma posição progressista frente

¹ Em se tratando dos intelectuais denominados “tradicionalistas” da América Latina, Marco Antonio Pamplona considera que além das relações estreitas que estes mantinham com o Estado, a vinculação dos mesmos com o conhecimento era um ponto fundamental. Era a partir deste último que os intelectuais se percebiam como legatários de uma vertente do conhecimento mais universal, o qual lhes imputaria o *status* de “verdadeiros livres-pensadores”. Nesse sentido, ao destacarem o seu comprometimento com a verdade e “com os discursos da razão crítica eles [intelectuais] acabaram sendo percebidos como estando de alguma maneira ‘acima’ ou ‘fora’ da sociedade, ou como aquele grupo que embora dela não divorciado, ‘pairava’ sobre a sociedade”. De tal modo, os intelectuais “tradicionalistas” da América Latina apresentaram-se, ao longo do século XIX e boa parte do XX, como aqueles que poderiam e conseguiriam “manter uma postura crítica sobre o poder” (PAMPLONA, 2003: 9)

ao clero e as forças armadas. Defenderam a secularização do ensino e da vida pública tendo em vista superar a tradição histórica, que mantinha vinculada a religião e a monarquia. Para eles, era necessário uma transformação do “caráter espanhol” (CAPELATO, 2003: 39). Entre os intelectuais associados a esse grupo estavam: Miguel de Unamuno (1864-1936), Ángel Ganivet (1865-1898), Pío Baroja (1872-1956), Ramiro de Maeztu (1875-1936), José Martínez Ruiz (Azorín)² (1873-1967), Antonio Machado (1875-1939), Jacinto Benavente (1866-1954), Ramón del Valle Inclán (1866-1936), Ramón Pérez de Ayala (1880-1962) e mais tarde Ramón Jiménez (1881-1958) e José Ortega y Gasset (1883-1955).³

Tal geração reuniu intelectuais preocupados em identificar os males que atingiam a Espanha e em vários momentos oscilaram em suas propostas. Muitos deles são caracterizados pela passagem de um extremo ao outro no que concerne às suas convicções políticas. As manifestações destes pensadores foram desde o início marcadas por polêmicas. Na juventude se aproximaram das ideias socialistas e anarquistas e na maturidade assumiram uma posição conservadora (CAPELATO, 2003: 39-45). Todavia, conforme sustenta Javier Pinedo, o que parece imutável em todos eles foi o anseio em regenerar a Espanha, através da incorporação desta na modernidade, sem, no entanto perder as bases do projeto hispânico.

Miguel de Unamuno⁴ acreditava que o impacto da derrota de 1898 seria capaz de despertar a sociedade espanhola da apatia em que se encontrava, ocasionando a renovação. Contudo, isso não ocorreu. A população, apesar da frustração se mostrou

² José Martínez Ruiz usava como pseudônimo Antonio Azorín, que também era o nome do personagem principal de suas obras.

³ Ortega y Gasset apesar de ser mais jovem do que os outros intelectuais ligados a essa geração – em 1898 tinha apenas quinze anos – é associado a ela pelo fato de partilhar das mesmas preocupações que os escritores que vivenciaram esse período: o conflito entre tradição e modernidade.

⁴ Miguel de Unamuno y Jugo nasceu em 1864. Em 1891 conseguiu a cátedra, juntamente com Ángel Ganivet, de Língua e Literatura Grega da Universidade de Salamanca. Durante este período publicou obras e artigos em jornais espanhóis, a partir de 1899 começou a colaborar em jornais hispano-americanos nos quais permaneceria contribuindo até 1935. Com a instauração da ditadura de Primo Rivera, em 1923, Unamuno devido aos seus ataques ao governo ditatorial foi desterrado nas Ilhas Canárias, de onde fugiu para Paris. Em 1930 com a queda da ditadura, retornou a Espanha. Um ano depois, com a proclamação da república, Unamuno participou da coligação republicano-socialista sendo eleito deputado das Cortes Constituintes. Em 1934, foi restituído ao cargo de Reitor com caráter vitalício e um ano depois foi nomeado cidadão honorário da República. Em 1936, com a explosão da Guerra Civil, foi novamente destituído do cargo de reitor, em 23 de agosto, pelo governo republicano por ter aderido a *Junta de Defensa Nacional de Burgos*. No mesmo ano, em 31 de dezembro morreu repentinamente. (UNAMUNO, 1971: 383-386).

indiferente frente ao *Desastre*.⁵ Assim, a preocupação dos intelectuais desta geração passou a ser com o marasmo da Espanha, que para Unamuno estava envolvida em um triste estado de abulia. A regeneração seria, portanto, a solução para o país ibérico e esta ocorreria através de uma revolução na raiz do caráter espanhol (CAPELATO, 2003: 41).

Se por um lado a conversão de Império Ultramarino a um estado foi o fator desencadeador da crise espanhola, por outro, suscitou também propostas de modernização. A *literatura médica* ganhou espaço nessa época, proliferando as conjecturas de que a Espanha se encontrava enferma, apática e que precisaria de um “tratamento de choque” (MARROYO, 2000: 134). Tal tratamento viria a partir da regeneração, termo que já estava bastante difundido entre os intelectuais, historiadores e políticos na época e que foi amplamente empregado pela geração de 98.

Apesar dos escritores desta geração partilharem das mesmas preocupações no tocante à situação espanhola da época e propor soluções similares, encontramos particularidades entre os autores. Alguns se preocuparam mais com as questões relacionadas à política, como foi o caso de Ganivet, Unamuno, Azorín e Maeztu. Outros voltaram suas atenções para temas literários, como Pío Baroja, Antonio Machado e Valle Inclán.

As propostas para solucionar a crise espanhola conduziam a caminhos distintos e gerou polêmica entre os intelectuais. Em 1896 Ángel Ganivet⁶ publicava *Idearium español* e dois anos mais tarde *España Filosófica Contemporánea*, em ambas as obras fica evidenciada sua preocupação com a situação que a Espanha se via envolvida e a proposta para resolver os problemas que a cercavam. A saída, para o autor, estaria na “alma nacional”, por isso enfatizou a importância de se interpretar a história e a cultura espanhola.

⁵ Intelectuais ligados a “Geração de 1898” como Miguel de Unamuno, se referiam à derrota da Espanha pelos Estados Unidos como “Desastre”. Antonio Erloza chama atenção para que o recente revisionismo tem insistido que não é razoável falar de “Desastre” para qualificar a derrota na guerra colonial, visto que nem Cuba importava muito, tampouco a economia espanhola sofrera demasiado pela perda dos restos do Império. O desastre, para tal historiografia seria mais resultante de uma hipersensibilidade dos publicistas da época que defendiam a “regeneração” da Espanha, no momento em que outros países europeus haviam incorporado a modernidade. (ERLOZA, 2000: 62)

⁶ Ángel Ganivet García nasceu em 1865 em Granada. Em 1888 tornou-se licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Granada, mudando-se para Madri para o doutoramento. Em 1890 obteve o doutorado e terminou a licenciatura em Direito. A partir de 1891 ocupou cargos diplomáticos e permaneceu escrevendo para jornais e publicando livros. Em 1898 suicida-se ao se jogar nas águas do Rio Dvina.

Ganivet refletiu a respeito do estado decadente da Espanha e concluiu que o “excesso de ação”, no qual o país permanecera durante muitos séculos, é que teria originado o mal que se abatera. Nesse sentido, relembrou o passado glorioso espanhol e apontava como responsável pelo estado de então: o esforço na conquista do mundo para impor seu domínio político e religioso; a formação de um Império Ultramarino; a colonização da América; a manutenção de exércitos nos mais diversos e longínquos lugares; e o combate aos hereges. Assim, em sua opinião, as enormes façanhas empreendidas pela Espanha teriam conduzido à abulia em que se encontrava. A partir disso Ganivet buscava a regeneração da “vida espiritual de España” (PINEDO, 2001: 82). Para ele, a regeneração viria através da educação e a atuação de indivíduos esclarecidos (os intelectuais) na sociedade.

Nessa perspectiva, Ganivet percebia que a superioridade da Espanha em relação aos demais países estaria na preeminência no plano ideal, e na qual tinha como máximo representante a figura de Don Quixote. O autor argumentava que:

Todos los pueblos tienen un tipo o imaginario en quien encarnan sus propias cualidades; en todas las literaturas encontraremos una obra maestra en la que ese hombre típico figura entrar en acción, ponerse en contacto con la sociedad de su tiempo y atravesar una larga serie de pruebas donde se aquilata el temple de su espíritu propio de su raza. Ulises es el griego por excelencia [...] Nuestro Ulises es Don Quijote, y en Don Quijote notamos a primera vista una metamorfosis espiritual. El tipo se ha purificado más aún, y para poder moverse tiene que librarse del peso de las preocupaciones materiales (apud PINEDO, 2001: 84).

Ganivet também exaltava a Espanha afirmando que “la conservación de nuestra supremacía ideal sobre los pueblos que por nosotros nacieron a la vida es algo más noble y trascendental que la construcción de una red de ferrocarriles” (apud PINEDO, 2001: 84). Fazendo uma clara referência à modernização que outros países europeus alcançaram e que a Espanha mesmo marginalizada deste progresso, para o autor, não se encontrava inferiorizada ante seus vizinhos porque os superava no plano ideal.

Ganivet combateu de forma contundente a proposta de europeização da Espanha para seu ingresso na modernidade. Defendia que a solução para os seus problemas estava na afirmação de seu próprio passado e cultura. Para ele, apesar de outros países europeus terem alcançado um desenvolvimento material maior que a Espanha, esta, por outro lado, triunfara espiritualmente como nenhum outro país jamais conseguira.

Unamuno, de maneira diferente de Ganivet, em seu primeiro livro *En torno al casticismo* (1895) fez uma análise pessimista da situação espanhola e propôs a europeização de seu país, para que assim pudesse alcançar o desenvolvimento e a modernização que seus vizinhos obtiveram. Entretanto, pouco depois, o escritor mudaria sua posição se aproximando das considerações de Ganivet e sugerindo uma “espanholização” da Europa.

Na obra *Vida de Don Quijote y Sancho*, publicada em 1905, Unamuno voltou-se para uma solução espiritual, inspirado na metafísica alemã. Propôs “um olhar introspectivo” de modo que a Espanha buscasse através das suas próprias características a solução de seus problemas. A saída seria, portanto, recuperar a verdadeira essência nacional para que fosse garantida a sobrevivência da Espanha como nação (CAPELATO, 2003: 43). Com efeito, a figura de Don Quixote foi recuperada por esta geração como sendo o elemento que expressaria a autenticidade espanhola. Vários autores se serviram da figura quixotesca em suas obras para indicar onde estaria a verdadeira característica da identidade espanhola. Dentre as obras destacamos além da supracitada: *La ruta de Don Quijote* (1905) de Azorín; *Meditaciones del Quijote* (1914) de Ortega y Gasset; e *Don Quijote, Don Juan y La Celestina* (1926) de Maeztu.

Outro intelectual desta geração que refletiu sobre a situação da Espanha foi Ramiro de Maeztu,⁷ mas de maneira diferente de Ganivet e Unamuno, voltou suas atenções mais para o meio rural e foi capaz de propor soluções concretas para a superação da crise de seu país. Ocupou-se principalmente com a questão dos camponeses, que na sua concepção teria permanecido desde a Idade Média em um marasmo, sem inovações no campo, fazendo com que essa população se mantivesse alheia ao progresso e à modernidade e vivendo de forma miserável e marginalizada social e culturalmente.

⁷ Ramiro de Maeztu y Whitney nasceu em 1875 em Vitoria, filho de um cubano e de uma inglesa. Passou parte da juventude em Paris e em Cuba. A partir de 1897, muda-se para Madri e se inicia no jornalismo colaborando em vários jornais e revistas importantes da Espanha. Nesse ano também inicia amizade com intelectuais regeneracionistas como Azorín e Pío Baroja, e formaram o grupo conhecido como “Grupo de los Tres”. Entre 1905 e 1919 viveu na Inglaterra como correspondente de *La Correspondencia de España*, *Nuevo Mundo* e *Heraldo de Madrid*. Ao retornar a Espanha tem início a sua aproximação cada vez maior do conservadorismo católico e sua desconfiança da democracia liberal. Com a ditadura de Primo Rivera, Maeztu aceita representá-la como embaixador na Argentina. Nesse período inicia a sua defesa da *hispanidad* como uma doutrina universalista capaz de congregar a comunidade hispânica. Morreu em 29 de outubro de 1936 fuzilado pelas forças republicanas.

Maeztu, como outros de sua geração, oscilou em suas convicções. Se em um momento demonstrou simpatia em relação ao socialismo, depois abandonou tais concepções por considerar que não explicava corretamente a realidade e foi se aproximando cada vez mais de um conservadorismo católico. Logo passaria a defender a adoção de uma economia capitalista e, mais pra frente, passar a apoiar programas políticos da direita espanhola e soluções de viés elitista.

Também defendeu a europeização da Espanha, por considerar que seus vizinhos conseguiram um progresso econômico, um estado de bem estar material e tecnológico do qual seu país ficara alheio. Dessa forma, atacou a figura de Don Quixote, a qual associava à decadência e ao individualismo. Inclusive criticou a metafísica e o idealismo de Unamuno e Ganivet. Todavia, depois suas convicções se transformaram radicalmente. A partir de 1911 foi se aproximando das posições dos autores que outrora criticara e suas análises foram se tornando mais subjetivas.

Assim, começou a se aproximar de uma perspectiva identitária procurando encontrar os traços específicos da “raça hispânica”. Em 1926, Maeztu publicava *Don Quijote, Don Juan y La Celestina* na qual se dedicava a definir a identidade hispânica mediante a busca do “ser moral espanhol”. Nesta obra, conforme aponta Javier Pinedo, Maeztu defendia a existência na cultura espanhola de um projeto alternativo de modernidade que não obstante a época de decadência, esta poderia ocultar muitos traços que deveriam ser resgatados (PINEDO, 2001: 92).

Nessa direção, percebemos que o pessimismo que existia nas proposições iniciais de Maeztu, aos poucos, com a maturidade, vai dando espaço ao otimismo. Em 1934 publicou *En defensa de la hispanidad*, nesta obra identificava novamente o “espírito” do passado espanhol, e a América Latina ganhava uma configuração diferente, sendo apresentada como desempenhando um importante papel, uma vez que, de acordo com Maeztu seria a partir do Novo Mundo que a Espanha se salvaria. Nesse sentido, a antiga metrópole não deveria copiar modelos externos para se modernizar, pois isso seria trair a sua própria tradição. A *hispanidad* seria a forma de congregar a Espanha e a América Latina (PINEDO, 2001: 94). A preocupação dos “regeneracionistas”, além das condições materiais, era, portanto, principalmente com a regeneração espiritual da raça hispânica, entendida num viés cultural. Desse modo, procuraram incorporar o novo sem, no entanto, negar o velho.

Anteriormente a 1898 o Estado espanhol vinha se esforçando para recuperar seu prestígio com as nações hispano-americanas. Até a Primeira República (1868-1895) o Império e as antigas colônias não mantiveram relações diplomáticas efetivas. A Espanha desde as lutas pela independência colocou uma série de obstáculos ao reconhecimento da soberania das recém surgidas nações do Novo Mundo, o que contribuía ainda mais para o distanciamento e mesmo a hostilidade entre ambos os lados (PÉREZ, 2000: 104). Embora a independência da maioria dos países tenha ocorrido nas primeiras décadas do século XIX, as relações diplomáticas entre estes países e a ex-metrópole só ocorreria a partir dos anos de 1860.

O governo espanhol entre 1878 e 1895 deu início a uma política de aproximação das ex-colônias. Iniciava assim o *pan-hispanismo*, que segundo Juan Garcia Pérez, apesar de limitado em relação aos objetivos, não era isento de interesse. Tal movimento procurava reunir “fraternalmente” os países de língua espanhola que pertenciam à mesma “raça”. Também pretendia impulsionar o comércio entre eles e procurar frear a influência dos Estados Unidos nesta parte do continente (PÉREZ, 2000: 104).

Essa política de aproximação foi denominada de “imperialismo pacífico” que conforme os espanhóis definiam, era completamente diferente do imperialismo promovido pelos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha ou França na época. O “imperialismo pacífico” ficou restrito basicamente a consolidação de alguns acordos que se referiam aos direitos de propriedade intelectual, isenção fiscal sobre determinadas obras culturais, e a abertura de academias militares e universidades espanholas a jovens da América Hispânica (PÉREZ, 2000: 105).

A ação mais notória nesse período foi a iniciativa do Ministério de Assuntos Exteriores para a formação da “Unión Iberoamericana” visando com isso fazer frente ao pan-latinismo francês e a partir de 1889 ao pan-americanismo estadunidense. Além disso, pretendia estabelecer laços de amizade com os hispano-americanos para que caso fosse necessário – o expansionismo norte-americano preocupava também nações européias – estes seriam aliados na conservação dos territórios do Caribe. Ademais procurava recuperar o prestígio espanhol perdido ao longo do século XIX (PÉREZ, 2000: 105). Essa questão se tornava patente frente a luta pela independência cubana,

uma vez que os países hispano-americanos se mantiveram neutros em relação a tal situação, e em muitos momentos demonstraram apoio a causa caribenha.⁸

Para Juan Garcia Pérez a vitória norte-americana sobre a Espanha, fez desaparecer os últimos obstáculos que existiam para a aproximação da antiga metrópole com as ex-colônias. Todavia, Monica Quijada discorda dessa afirmativa, já que em sua opinião, isso já vinha ocorrendo desde os anos de 1870. De toda forma, se o desastre não contribuiu para a retomada das relações entre a intelectualidade da Espanha e da América Hispânica, ele seguramente intensificou e fortaleceu essas relações, como pode ser observado pela ida de espanhóis, ligados a geração de 1898, para a América e o fato da produção cultural hispano-americana ter sido mais divulgada na Espanha a partir disso.⁹

Após a guerra de 1898, e a assinatura em dezembro do mesmo ano do *Tratado de Paris* que obrigava a Espanha a renunciar a seu domínio sobre Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam em benefício dos Estados Unidos, as relações entre intelectuais da Espanha, conhecidos como “geração de 1898”, e da América Latina foram modificadas, de modo que os laços entre a intelectualidade dos dois lados do Atlântico ficaram mais estreitos. Segundo Antonio Mitre, essa aproximação acabou por realizar um “ato de introspecção e reflexão circunstanciada sobre as causas da catástrofe” (MITRE, 2010: 219).

Nesse sentido a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha também colaborou expressivamente para estimular esse debate, o que contribuiu para o fortalecimento¹⁰ de

⁸ A este respeito ver a análise que Patricia Galeana faz acerca da atuação do México frente à independência cubana e a guerra hispano-americana. (GALEANA, 2000: 51-61).

⁹ Susana Zanetti no artigo *Modernidad y religación: una perspectiva continental* destaca os vários espaços que propiciaram a “religação” entre a intelectualidade tanto no âmbito continental quanto extra-continental. Nesse sentido aponta a modernidade, na qual muitos países latino-americanos ingressaram a partir de 1870 e que trouxe inovações tecnológicas, modificando a vida social, econômica e política; a transformação da imprensa e o surgimento de vários diários nos países hispano-americanos que contava com a colaboração de inúmeros escritores latino-americanos; as frequentes viagens dos escritores (dentro e fora da América, fosse por motivo de trabalho ou exílio); o modernismo, movimento literário surgido na América Hispânica em fins do século XIX, também promoveu uma troca cultural intensa entre os escritores associados a tal movimento; além da aproximação da intelectualidade espanhola e hispano-americana resultante da guerra de 1898. Para a autora esses são fatores importantes que contribuíram para um profícuo intercâmbio dos escritores e para a divulgação de suas produções nesse período. A esse respeito ver: (ZANETTI, 1994: 491-534) e (RAMA, 1985: 82-96)

¹⁰ Falamos em fortalecimento e não construção porque acreditamos que a imagem negativa dos Estados Unidos já vinha sendo construída desde meados do século XIX, em ocasião da guerra com o México em 1848.

uma imagem negativa dos Estados Unidos, uma vez que a definição de um inimigo comum permitia a criação de uma rede de solidariedade que construía laços de identidade a partir de sensibilidades comuns (DEVÉS, 2001: 33). Surgiram correntes hispano-americanistas que valorizando a antiga metrópole, colaboravam para o trânsito de ideias entre as ex-colônias e a ex-metrópole.

O restabelecimento das relações entre intelectuais latino-americanos e espanhóis foi registrado por escritores contemporâneos, atentos a estes acontecimentos, como o brasileiro José Veríssimo que afirmava que a guerra hispano-americana despertara nas sociedades ibero-americanas um velho ódio de raça, a má vontade espontânea de filhos de antigos e íntimos inimigos que sentiam ressurgir as razões julgadas mortas das lutas dos antepassados (VERÍSSIMO, 1986: 25). Ao mesmo tempo, com este sentimento revivia nos hispano-americanos o sentimento de raça. O autor explicava que:

[...] desde logo um movimento da opinião ibero-americana surgiu e cresceu nesse sentido, e os hispano-americanos não deixaram desde então escapar ocasião de a manifestarem [...] O Congresso Ibero-americano de Madri foi verdadeiramente uma assentada geral ou antes as cortes solenes da raça andava dispersa e indiferente, senão hostil, aos seus diversos membros; uma reunião de família sob a presidência do velho pai, ontem quase esquecido, hoje venerado como um patriarca (VERÍSSIMO, 1986: 25).

Neste contexto, criou-se conforme demonstrou Devés uma rede de contatos entre intelectuais de ambos os lados do Atlântico que manteve um intenso e fecundo diálogo. Ruben Darío, que era na época correspondente do jornal argentino *La Nación*, em 1898 viajou à Espanha e lá entrou em contato com Unamuno. A caminho do Velho Mundo o poeta nicaraguense escrevera uma crônica na qual exaltava a antiga metrópole ibérica:

De nuevo en marcha, y hacia el país maternal que el alma americana – americano-española – ha de saludar siempre con respeto, ha de querer con cariño hondo. Porque si ya no es la antigua poderosa, la dominadora imperial, amarla el doble; y si está herida, tender a ella mucho más (apud DEVÉS, 2001: 23).

Unamuno foi figura central na constituição de uma rede de contatos entre os escritores espanhóis e latino-americanos. Ele manteve correspondência com diversos escritores hispano-americanos comentando suas obras e colaborando com a circulação destas e de pessoas interessadas pelo ibérico e o americano no início do século XX (DEVÉS, 2001: 24). Além disso, se interessou em divulgar a produção intelectual da

América Latina na Espanha, que na época era desprezada e desqualificada por muitos espanhóis.

A rede de contatos foi possibilitada devido à forma como a Espanha passou a ser vista pelos latino-americanos, a vitória dos Estados Unidos rendeu à antiga metrópole a imagem de uma Espanha derrotada, doente e humilhada. De acordo com Devés, tal imagem permitiu que a Espanha se tornasse aos olhos das ex-colônias “más accesible y más sensible, más interesante y más receptiva que aquella otra anticuada y soberbia” (DEVÉS, 2001: 23), já que assim passou a despertar solidariedade. Isso se intensificava à medida que os Estados Unidos foram sendo percebidos como uma ameaça.

Para Leopoldo Zea os Estados Unidos com o que restara dos impérios europeus tanto na América quanto na Ásia colocava em ação o plano de ocupar os “vazios de poder” que fossem deixados pelas antigas metrópoles. A empreitada para preencher tais “vazios” já se havia iniciado na década de 1840 quando os Estados Unidos anexaram a maior parte do território mexicano. E no século XX permaneceria com a ingerência em outros países do continente. Sendo assim, foi a partir deste cenário que os intelectuais latino-americanos consideraram as agressões à Espanha pelos Estados Unidos como sendo direcionada a toda América Hispânica “cuya sangre y cultura enraizaba en la nación agredida” (ZEA, 2000: 8). Segundo Zea:

Los pueblos que ya se denominaban latinoamericanos y los del Caribe que habían enfrentado el coloniaje español recibieron noticia sin júbilo alguno; por el contrario, la vieron con ominosa pena. La agresión a España era una agresión más a la que José Martí llamaba ‘Nuestra América’. No fue contra España, su pueblo, que los pueblos de América se habían enfrentado, sino contra el absolutismo imperial enfrentado también en España por otros españoles (ZEA, 2000: 8).

A partir da formação da rede intelectual que se configurara, muitos escritores espanhóis vieram para a América Latina e passaram a viver um período neste continente, ao mesmo tempo escritores hispano-americanos viajaram ou se instalaram na Espanha. Foi o caso, só para citar alguns nomes, dos espanhóis Unamuno, Valle Inclán, Maeztu, Rafael Altamira e Ortega y Gasset. E dos hispano-americanos Manuel Ugarte, Ricardo Rojas, Rufino Blanco Fombona, Alcides Arguedas, Manuel Gálvez e Alfonso Reyes.

Na concepção de Devés para que existisse tal rede era necessário que existisse uma comunhão de sentimentos e ideias, o que não significa que todos partilhassem

disso de igual maneira. Lembremos que na época as opiniões a respeito da inferioridade da América frente à Europa ainda vigoravam. Inclusive Pío Baroja chegou a escrever de modo desrespeitoso acerca da América Latina.¹¹

De maneira diferente, Unamuno – que foi anti-colonialista e anti-racista, pelo menos na juventude – procurou enfatizar a unidade do mundo hispânico, a existência de laços sanguíneos entre a Espanha e a América Hispânica, salientando os benefícios da aproximação espiritual e a importância do conhecimento entre os povos da outra margem do Atlântico. Rafael Altamira se empenhou muito nesse sentido, incentivou políticas culturais, destacando a necessidade de erguer o prestígio da Espanha nas antigas colônias e persuadir-los “da possibilidade de conviver espiritualmente” (DEVÉS, 2001: 31).

Para Devés a aproximação entre Espanha e América Latina, foi possível, devido ao fracasso de um projeto modernizador o qual se inspirava no modelo estadunidense de desenvolvimento, mas que aos poucos foi perdendo espaço para uma espécie de identitarismo que permitia que hispânico e latino fossem percebidos como um elemento autêntico da América Latina (DEVÉS, 2001: 31). O autor chama a atenção para a possibilidade de que as relações com a Espanha e um certo espiritualismo, que destoava do projeto modernizador, tenham sido conservados devido a existência do Krausismo¹² – particularmente no que concerne as ideias jurídicas – que ganhara espaço na Espanha a partir de 1840.

Segundo Devés em países principalmente como Uruguai, Chile e Argentina, tanto Krausismo quanto positivismo coexistia, de maneira que pôde adaptar-se em um

¹¹ Pío Baroja declarou a falta de simpatia que sentia tanto pelos hispano-americanos quanto pela produção intelectual dos mesmos. Criticou autores como Sarmiento, Manuel Ugarte, José Ingenieros e Ricardo Rojas, afirmando “¿Qué oleada de vulgaridad, snobismo, chabacanería nos há venido de América!” (apud ALAZRAKI, 1966: 756).

¹² Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832) escritor alemão que influenciou significativamente a filosofia do direito no século XIX e XX. Krause inovou em sua época ao defender uma interpretação não restritiva do direito, de maneira que sua doutrina se distanciava da teoria do mínimo (época em que vigorava o liberalismo) e atribuía ao Estado e ao direito uma função assistencial. Para Krause a declaração formal da igualdade entre os homens perante a lei não era suficiente, o direito deveria adquirir a responsabilidade de colaborar positiva e ativamente no estabelecimento das condições de possibilidade para uma igualdade real e não apenas formal entre os homens. Nesse sentido a reivindicação de uma igualdade de oportunidades obrigaria ao direito a exercer um papel regulativo e assistencial, próximo ao que hoje se denomina “direitos da terceira geração”. A partir dos principais discípulos Karl David August Röder (1806-1879) e Heinrich Ahrens (1808-1874) a doutrina krausista foi divulgada. Julián Sanz del Río e seu discípulo Francisco Giner de los Ríos foram os pioneiros no estudo e divulgação do pensamento krausista na Espanha mantendo um intenso intercâmbio epistolar com os krausistas alemães. (FERNÁNDEZ, 2000: 19-26).

lugar que não obstante houvesse conflitos entre o laicismo e o catolicismo, ainda assim estes conviviam (DEVÉS, 2001: 31). Como nestes países muitos dos intelectuais viveram na Espanha por um tempo, desde fins do século XIX, seja para estudar ou por que foram exilados por se envolverem no processo de independência (como foi o caso do cubano José Martí e do porto-riquenho Eugénio María de Hostos) foi possível o contato com o krausismo espanhol.

Nessa perspectiva, surgiram obras tanto na América quanto na Espanha destacando o espiritualismo da América Latina em relação ao materialismo dos Estados Unidos, e a mais conhecida é *Ariel* de José Enrique Rodó (1871-1917). Este ensaio trazia novamente a polaridade entre as raças, no entanto num viés diferenciado no qual as raízes ibéricas seriam revalorizadas, tomadas como elemento importante constitutivo da identidade latino-americana. Rodó conseguiu reunir em sua obra as percepções da intelectualidade da época, colocando com grande qualidade literária e metafórica a dualidade entre *Ariel* e *Calibán* (QUIJADA, 1997: 602).

Pouco antes, o proeminente poeta modernista Rubén Darío já havia refletido a este respeito, exaltando a antiga metrópole e relegando os Estados Unidos ao papel de antagonista. Darío abriu espaço para uma nova dimensão americana que possuía atitudes de solidariedade frente às ameaças históricas do “Colosso do Norte”. Este propósito está claro no poema *A Roosevelt*:

*¡Es con voz de la Biblia, o verso de Walt Whitman,
que habría que llegar hasta ti, Cazador!
¡Primitivo y moderno, sencillo y complicado,
con un algo de Washington y cuatro de Nemrod!
Eres los Estados Unidos,
eres el futuro invasor
de la América ingenua que tiene sangre indígena,
que aún reza a Jesucristo y aún habla en español* (DARÍO, 2004: 71).

Compete ressaltar que o modernismo,¹³ pode ter contribuído de certa forma, para dar unidade à rede intelectual que se formava. Grande parte dos intelectuais associados a este movimento manteve um intenso diálogo com os escritores da geração de 1898.

¹³ No final do século XIX surgiu na América Hispânica um movimento literário de grande renovação estética, conhecido como Modernismo, cujos poetas se configuraram como a primeira expressão de autonomia literária dos países hispano-americanos. Tal movimento procurava distanciar-se do “materialismo” da burguesia por meio de uma “arte mais refinada e estética”. Na América espanhola o modernismo tem como precursor o poeta nicaraguense Rubén Darío, com a publicação de seu livro *Azul* (1888). Logo muitos pensadores influenciados por Darío adotam este movimento, como o

Assim, os intelectuais que propunham a revalorização da tradição ibérica incentivavam uma mudança na atitude do homem latino-americano de maneira a debelar o sentimento de inferioridade, pessimismo e frustração frente aos Estados Unidos. De acordo com algumas interpretações, isso era reflexo das emoções de uma época em que proliferavam análises acerca da condição “patológica” do continente (AINSA, 2001: 103-110) segundo a qual as teorias de Buffon que se destacaram no século XVIII, afirmavam a “inferioridade” da América em relação à Europa. No século XIX essas teorias zoológicas ainda tinham grandes reflexos. As idéias de Buffon não só foram aceitas como verdade como também tiveram grande e duradoura força de afirmação (PRADO, 2004: 182).

A valorização da cultura ibérica, portanto pode ter contribuído para que tais ideias fossem aos poucos perdendo força e os intelectuais passaram a buscar meios de superação dos graves problemas que afetavam a América Latina, sem, contudo perder as características inerentes. Se bem que, por outro lado, isso também pode ter em certa medida, colaborado para o fortalecimento da ideia de que a conformação mestiça dos povos da América seria um dos fatores responsáveis pelo atraso do continente.

Bibliografia

AINSA, Fernando. “Ariel, uma leitura para o ano 2000”. IN: *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 613-614, 2001. pp. 103-110.

ALAZRAKI, Jaime. “Unamuno Crítico de la Literatura Hispanoamericana”. In: *Hispania*, vol. 49, nº4, 1966, pp. 755-763.

CAPELATO, Maria Helena. “A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica”. IN: *História*, São Paulo, 2003.

DARÍO, Rúben. *Cantos de Vida y Esperanza: los cisnes y otros poemas*. Edição, prólogo e comentário de José Carlos Rovira. Madri: Alianza Editorial, 2004.

mexicano Gutiérrez Nájera, o argentino Leopoldo Lugones e os uruguaios Júlio Herrera y Reissig e José Enrique Rodó. No Brasil o movimento modernista só ocorreria em 1922 com a *Semana de Arte Moderna*, tendo os artistas se destacado na literatura, música e artes plásticas, como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Villa-Lobos e Tarsila do Amaral (TELLES, 1992) e (JOZEF, 2005).

DEVÉS, Eduardo. “El pensamiento latino-americano entre la última orilla del siglo XIX y la primera del siglo XXI”. In: ZEA, Leopoldo e SANTANA, Adalberto (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ELORZA, Antonio. “Los noventayochos y la crisis del Estado-nación”. In: ZEA, Leopoldo y MIAJA, Maria Teresa (compiladores). *98: Derrota Pírrica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

FERNÁNDEZ, Francisco Querol. *La Filosofía del Derecho de K. CH. F. Krause*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2000.

GALEANNA, Patricia. “Entre la espada y la pared: México frente a España y Estados Unidos”. In: ZEA, Leopoldo y MAGALLÓN Mario (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000, pp. 51-61.

JOZEF, Bella. *História da Literatura Hispano-americana*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

MARROYO, Fernando Sánchez. “1898: guerra colonial, crisis nacional y tensiones sociales”. In: Leopoldo ZEA y Mario MAGALLÓN (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

MITRE, Antonio. “Estado, Nação e Território na Bolívia Oligárquica, 1850-1914”. In: Marco A. PAMPLONA, Maria Elisa MÄDER (org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Peru e Bolívia*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PAMPLONA, Marco Antonio. “Ambiguidades do Pensamento Latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº32, 2003.

PÉREZ, Juan García. “Entre el ‘imperialismo pacífico’ y la Idea de ‘fraternidad hispanoamericana’: algunas reflexiones sobre la imagen de América Latina en la España de fines del siglo XIX”. ZEA, Leopoldo e MAGALLÓN, Mario (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

PINEDO, Javier. “Ser otro sin dejar de ser uno mismo: España, identidad y modernidad en la Generación del 98”. In: ZEA, Leopoldo e SANTANA, Adalberto (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas Telas e Textos*. 2ª ed – São Paulo: Edusp, 2004.

QUIJADA, Mónica. “Latinos y anglosajones. El 98 en el fin de siglo sudamericano”. In *Hispania*, 1997, vol. LVII/2, nº196, 1997.

RAMA, Angel. *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985,

UNAMUNO, Miguel de. *Antología*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

VERÍSSIMO, José. “A Regeneração da América Latina”. In: José VERÍSSIMO. *Cultura, Literatura e Política na América Latina*. Seleção e apresentação: João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ZANETTI, Susana. “Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)”. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Palabra, Literatura e Cultura*. Vol.2 – Emancipação do discurso: São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1994.

ZEA, Leopoldo. “1898, Latinoamérica y la reconciliación iberoamericana”. In: ZEA, Leopoldo e MAGALLÓN, Mario (compiladores). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.